

APRESENTAÇÃO: ENTRE LÍNGUA, LITERATURA E OUTRAS ARTES O DEBATE ACONTECE

A *Revista Interfaces* completa, em 2026, dezessete anos de publicações ininterruptas: inicialmente com duas edições anuais, em alguns anos publicamos quatro edições e, por fim, estamos publicando três edições anuais. Quase vinte anos de trabalho e de parcerias demanda que voltemos aos números anteriores para vermos quantos artigos de incontestável relevância científica foram publicados e que precisam ser lidos e relidos. Vale pensar em quantos pesquisadores de renome já passaram pela *Revista Interfaces* e quantos jovens podem ter publicado o seu primeiro artigo nesta revista, entrando, assim, para o mundo da ciência. Quantos artigos já foram publicados? Quantos artigos foram avaliados e, após sugestões dos consultores *ad doc*, puderam ser repensados, melhorados, tornando-se um texto de relevância para a pesquisa e digno de ser publicado?

Não é sem razão que chamamos a atenção para a qualidade das publicações e, nesse sentido, testemunhamos que já nos aconteceu, muitas vezes, estar escrevendo um artigo ou capítulo de livro e precisar pesquisar determinada noção e encontrá-la desenvolvida e digna de ser citada em artigo publicado na nossa revista. Por isso, reafirmamos que entre a língua, a literatura e outras artes o debate acontece. Não é sem razão que chamamos a atenção para as avaliações e para a importância dos consultores *ad doc*, que realizam um trabalho gratuito e de qualidade, apresentando sugestões, buscando pensar do lugar do outro. Poderíamos trazer outros pontos para destacar que um periódico que circula há dezessete anos tem um percurso histórico e certamente tem contribuído para o avanço das pesquisas e por que não dizer: tem contribuído também com as ciências da linguagem.

Desde sempre o objetivo foi e continua sendo a valorização das interfaces, seja entre língua e literatura, seja entre outras artes e também com a história. Entendemos que andar nos entremeios não significa invadir o território do outro, nem minimizar pesquisas ou domínios do conhecimento, mas compreender e defender que não vivemos em um mundo à parte e nem fechados em 'bolhas'. Vivemos em um tempo de muitas informações, de muitas publicações e de muitas 'falações' e, por isso, precisamos andar por muitos caminhos, aceitar que um conhecimento talvez precise de um conhecimento que veio antes. Fechar-se em um campo disciplinar, pode inviabilizar o debate, os deslocamentos teóricos e, especialmente, a oportunidade de compreender que os pesquisadores, especialmente, os que militam nas ciências da linguagem mobilizam, por vezes, objetos de outros campos teóricos.

A professora Verli Petri (UFSM) tem sido bastante citada e valorizada com a publicação do texto **O funcionamento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso**, publicado em 2013, em um livro organizado em parceria com Cristiane Costa Dias (UNICAMP), na obra que traz no título o seu próprio objetivo, que é pensar a teoria, o método e a análise, centrando-se na Análise de Discurso. A pesquisadora destaca

que o pêndulo é “bastante discutido na área da física, sobretudo na Física Experimental, enquanto ‘corpo pesado, pendurado num ponto fixo que oscila de vaivém” (Petri, 2013, p. 40) e sinaliza como esse movimento de vaivém funciona na Análise de Discurso, recuperando “uma gama de significados, recuperando a historicidade de algo que vem de outro lugar para constituir sentidos na Análise de Discurso na atualidade” (idem, p. 41). Explica, ainda, que está trabalhando com uma metáfora e, nesse sentido, destacamos que interpretar metáforas exige que o sujeito ande por outros caminhos, saia da sua zona de conforto, estabeleça relações.

Trazemos mais um exemplo para dar visibilidade e destacar as metáforas e o modo como, adentrando no território que ilusoriamente dizemos que é do ‘outro’, enriquecemos nossas pesquisas e nossos textos. Em um texto publicado em 2018, Solange Mittmann (UFRGS) e Luciene Jung de Campos (UCS) apresentaram a obra **Fios do discurso: entre cerziduras e descosturas**, sinalizando que a obra se realiza na **Linha da contradição**. Nesse texto de apresentação, as pesquisadoras mobilizam a metáfora da costura, trazendo a Moça Tecelã, de Marina Colassanti para destacar o fazer do analista de discurso, concluindo que “Analisar discursivamente pressupõe, além do cerzir, o descosturar” (Mittmann, Campos 2018, p. 1). No título do livro e no texto de apresentação, a metáfora da costura sinaliza para o que é ser/tornar-se analista de discurso.

Podemos dar mais um exemplo: Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Dantielli Assumpção Garcia e Norma Vieira (UNIOESTE) organizaram a obra **Tornar-se analista de discurso** e, no convite para publicação, colocaram aos pesquisadores questões em torno do ‘ser analista de discurso’, colocando em suspenso ‘o tornar-se’, indicando mais uma metáfora que vem de outro lugar. Em Venturini (2023), publicado nessa obra, jogamos com a palavra per(curso), que funciona como uma metáfora da caminhada do pesquisador analista de discurso, sinalizando que o sujeito jamais se torna analista, ele sempre vai estar em (per), sinalizando trajeto, caminhada um ‘fazer-se’ na pesquisa continuamente, estando sempre em curso e a nossa epígrafe foi retirada do texto de apresentação do livro organizado por Mittman e Campos (2018).

Poderíamos trazer outros tantos exemplos, não só de analistas de discurso, outros tantos, destacando um: o Fundador da Linguística como ciência: Ferdinand de Saussure que ilustrou a Curso de Linguística Geral com muitas metáforas, dentre elas a da folha de papel, o jogo de xadrez e outras...

Artigos da primeira edição de 2026

A apresentação dos artigos publicados na *Revista Interfaces* da UNICENTRO oferece um panorama rico e diversificado de pesquisas que transitam entre a literatura, a análise de discurso e as práticas de ensino. O primeiro eixo de estudos dedica-se à reflexão e à análise de obras literárias sob diferentes perspectivas teóricas. Em **A destruição da origem: o mito da autoria na crônica “Invenções”**, Davi Gonçalves (UNICENTRO) discute a crônica de Luís Fernando Veríssimo à luz das teorias de Roland Barthes, Michel Foucault e Jorge Luis Borges, problematizando a ideia de origem e a unidade da voz autoral. A crônica encena a partir da figura de Fernando Pessoa e de seus heterônimos o descentramento do sujeito criador e a autonomia das obras, inserindo-se em um horizonte teórico que problematiza a ideia de origem e de unidade da voz autoral. Essa mesma reflexão sobre a autoria ressurgiu em **Manifestações autorais em História do Cerco de Lisboa, de**

José Saramago, onde os autores Altamir Botoso e Wellington Furtado Ramos (UEMS) analisam a presença dos “autores em abismo” e o paralelo entre os personagens e o autor empírico. A base teórica que sustenta as reflexões centra-se nos estudos críticos de Alain Goulet (1996, 2006), Lucien Dällenbach (1991), Mariângela Alonso (2017, 2024), Ana Maria Cavalcante (2018).

A literatura direcionada ao público infanto-juvenil e suas representações sociais são exploradas em **A separação dos pais na literatura infantil brasileira: uma análise comparativa entre *O dia de ver meu pai* e *O Menino Maluquinho***, de Nelci Alves Coelho Silvestre (UEM), que compara as obras de Vivina de Assis Viana e Ziraldo pelo viés da Estética da Recepção, especialmente, as contribuições de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, examina-se como cada autor aborda esse tema considerado tabu na época, propondo diferentes perspectivas sobre o divórcio e seus efeitos na infância. A autora conclui que Viana apresenta uma visão melancólica e problemática das representações sociais, através do protagonista Fabiano, Ziraldo propõe uma abordagem mais otimista com a obra *O Menino Maluquinho*. A análise contempla tanto os aspectos verbais quanto os não-verbais (ilustrações), demonstrando como a interação entre texto e imagem produz diferentes efeitos de sentido e solicita diferentes tipos de leitores.

As identidades e as questões de pertencimento na literatura contemporânea também ganham destaque em **Infância, resistência e memória em *O Som do Rugido da onça***, em que Clara do Prado Patrício e Milena Barros Tavares (UFPR) investigam como a branquitude e a resistência indígena se discursivizam na obra de Micheline Verunschik. No movimento de análise, levam em conta os atravessamentos ideológicos na constituição dos sujeitos. A questão respondida foi: “Como a branquitude se dá na formação social da infância, tanto nas crianças brancas europeias como no contexto brasileiro?”

A representação feminina e a ancestralidade são problematizadas em **Representação literária da maternidade indígena: reflexões e provocações necessárias**, de André Eduardo Tardivo (UEM), a partir da obra de Auritha Tabajara com o objetivo de discutir a representação materna da mulher indígena na seara da literatura brasileira contemporânea e no artigo **As dores de Ponciá Vicêncio como figuras da opressão social e da herança colonial**, escrito por Charles Durães e Cássio Roberto Borges da Silva (UESB), que examina a confluência de opressões de raça, classe e gênero no romance de Conceição Evaristo. Os autores se propõem a mapear e analisar as dores de Ponciá — englobando as esferas econômica, de trabalho, familiar, de segregação urbana e, especialmente, a crise de identidade, concluindo que a fragilidade da identidade de Ponciá é forjada por essa confluência de violências.

Ampliando o escopo das análises para o funcionamento ideológico e as disputas de sentidos na sociedade, a Análise de Discurso se faz presente em diversos trabalhos. Em **A legislação migratória brasileira como dispositivo ideológico: ambivalências entre acolhimento e exclusão**, Sandra Regina Ramos Santos e Élcio Aloisio Fragoso (UNIR) investigam como a lei atua na produção de sentidos ambivalentes sobre o estrangeiro. Os autores mobilizam os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista, recorrendo à noção de memória discursiva e problematizando o imaginário do acolhimento, a rotulação, a fronteira e a necropolítica, considerando as Leis 9.474/1997 e 13.445/2017 e o Decreto 9.199/2017. Os resultados indicam que a legislação constrói a imagem do Brasil como nação acolhedora, mas atualiza memórias securitárias que limitam o acesso a direitos, tornando visível um funcionamento ideológico constitutivo da lei. A

censura e a resistência são os eixos de **Os sentidos da censura na música os *Escravos de Jó*, de Milton Nascimento**, de Renato Antonio Lima e Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE), que analisam os efeitos de sentido da obra durante a Ditadura Militar com base na teoria de Michel Pêcheux. A violência estrutural e o silenciamento também são discutidos em **“Até que ela vire manchete”**: **violência contra a mulher em discurso**, de Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE), que aborda o discurso patriarcal a partir da materialidade digital.

Ainda no campo discursivo, as novas mídias e a linguagem são foco de **Discursividade colada à tela: o impacto do funcionamento discursivo da voz e sua relação com a criança brasileira**, de Neosane Schlemmer (UNIOESTE), aborda a repetição algorítmica da voz e da fala cantada. A análise explicita que a repetição, intensificada pelos mecanismos algorítmicos, não opera de modo inocente, uma vez que estabiliza sentidos e fixa posições de sujeito, interpelando a criança por meio da voz antes mesmo de uma elaboração consciente do significado. Ao considerar as condições de produção mediadas pela tela e destaca o papel da voz e da fala cantada como operadores discursivos centrais nos processos de assujeitamento e produção de sentidos na infância contemporânea brasileira. O debate sobre a linguagem inclusiva é analisado por Camilla Machado Cruz (UNIOESTE) em **Manuais de linguagem inclusiva de gênero: a manualização do saber linguístico e o discurso sobre igualdade veiculado por instituições do Brasil**, analisando parte de uma nota técnica, que busca deslegitimar as lutas por cotas para pessoas trans nas universidades brasileiras. Esta análise se fundamenta em perspectivas transfeministas e nos debates sobre performatividade (Butler, 2017; 2018). Dentro dessa mesma temática Ronna Freitas de Oliveira (UFPR) examina os regimes de verdade e a violência política em **Regimes de verdade e disputa discursiva: uma análise transfeminista da nota técnica “Cotas para os autointitulados transgêneros nas universidades”**, da Associação Matria. O lugar de fala e as resistências dos sujeitos surdos frente ao ouvintismo também são discutidos por Raquel Maria Cardoso-Pedroso e Nádia Neckel (UNISUL) em **Nada sobre nós sem nós: o lugar de fala e os atravessamentos discursivos na enunciação dos sujeitos surdos**.

Por fim, a revista dedica espaço essencial às práticas de ensino, à formação docente e à compreensão da linguagem. Luciane Baretta (UNICENTRO), em **Um retrato da compreensão em leitura no Ensino Superior**, discute o desempenho de estudantes universitários de um curso de Letras Português, na modalidade EAD. Os resultados indicam que a flexibilidade dos participantes ao adotar diferentes processos durante as tarefas propostas não foi suficientemente eficaz, haja vista os escores relativamente baixos alcançados nos testes de compreensão. Essa mesma preocupação com o letramento orienta o artigo **Formação de professores e práticas de leitura no Ensino Fundamental: contribuições para o enfrentamento das fake news**, de Márcio José Winchuar (UNESPAR), que reflete sobre o papel da leitura na formação crítica dos estudantes. Os estudos relacionados aos multiletramentos (Rojo, 2022) e ao letramento literário (Cosson, 2019), articulados a uma concepção de leitura como prática social, dialógica e de combate a alienação (Silva, 1998), fundamentam este artigo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica aliada à elaboração de uma sequência básica de leitura, estruturada nas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, a partir de diferentes gêneros e linguagens. Os resultados indicam que práticas intencionais de leitura literária contribuem significativamente para a formação de professores e para o desenvolvimento da criticidade dos estudantes.

Ainda em torno de espaços essenciais à prática de ensino e à formação docente, Leliane

Regina Ortega (UFPR) e Leandro Tafuri (UFPR, Faculdades Guairacá) discutem a relação entre instituições de ensino e espaços culturais é explorada em **Museu como espaço discursivo na produção do conhecimento**, propondo o uso pedagógico dos museus na educação formal. Para encerrar o panorama em torno dessa temática, a própria base do ensino é problematizada por Luan Alex de Mattos e Angela Derlise Stübe (UFFS) no texto **Língua Materna: um conceito incômodo**, discutem a noção de língua e a centralidade dessa noção no campo da linguística e sua interface com a psicanálise.

Instaurar um efeito de fechamento:

Apresentadas as nossas considerações de um percurso da *Revista Interfaces* e depois de dados a ‘ver’ os artigos do V.17, no. 1 da Revista Interfaces, iniciando o ano de 2026 queremos ainda destacar que em seus 17 anos de existência e de circulação a revista se consolidou como um periódico que dá visibilidade à pós-graduação no Brasil. Isso porque publica artigos que atualizam as pesquisas de diferentes Programas de Pós-Graduação e, neste número, temos contribuições das seguintes instituições e, notadamente de seus PPGs: UNIR, UEM, UFSM, UNICENTRO, UNIOESTE, UEMS, UESB, UNISUL, UFFS, UFPR, UNESPAR.

É preciso destacar, também, que, em 2027, a *Revista Interfaces* entra na maioria, completando dezoito anos, mas essa maturidade está posta, tendo em vista os novos tempos da pós-graduação, que deixa de ‘olhar’ para a extensão dos currículos lattes para prestar atenção aos conteúdos, ao que fica e ao que constitui efeitos, considerando os efeitos que as produções científicas instauram efetivamente, a relevância, a maturidade, a pesquisa se fazendo.

Referências

MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung de. Apresentação: Na linha da Contradição. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung de (Orgs.). Fios do discurso: entre cerzaduras e descosturas [recurso eletrônico]. 1. ed. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2018, p. 7-11. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/203672/001107345.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; GARCIA, Dantielli. A. ; VIEIRA, Norma C (org.). Tornar-se Analista de Discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

PETRI, Verli. O funcionamento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2013, p. 39-48.

VENTURINI, Maria Cleci. A história e a memória no per(curso) de um analista de discurso. In: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; GARCIA, Dantielli. A. ; VIEIRA, Norma C. Tornar-se Analista de Discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 128.